

TRABALHO E EDUCAÇÃO NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Cenas madrileñas sobre conselhos operários e coletivização da produção*

Lia Tiriba **

Resumo:

Ao se constituir como uma frente popular de luta contra o fascismo, a guerra civil espanhola (1936-1939) promoveu mudanças significativas na estrutura do Estado e nas diferentes instâncias da sociedade. Socializados os meios de produção, as coletividades operárias e camponesas ensaiaram a rearticulação entre mundo da cultura e mundo da produção. Ao reconstituir a história de Almacenes Quirós, buscamos apreender as relações entre trabalho e educação no interior da fábrica, perguntando-nos: No cenário da revolução popular, quais os desafios da produção? Quais eram os objetivos do Conselho Operário quanto à educação dos demais trabalhadores coletivos? Que concepções de trabalho e de mundo fundamentavam os projetos educativos? Em que medida as práticas de trabalho, inspiradas nos princípios stajanovistas, reproduziam a organização capitalista do trabalho, contrariando o ideário de ser humano e de sociedade?

Palavras-chave: Trabalho e educação; Formação de trabalhadores; Guerra civil espanhola; Conselhos operários; Coletivização da produção

Abstract:

Constituting itself as a popular struggle front against the fascism, the Spanish civil war (1936-1939) promoted meaningful changes in the structure of the State and in the different instances of the society. Socialized the means of production, the workers and peasants collectivities tested a new articulation between word of the culture and word of production. To reconstitute the history of Almacenes Quirós and, in order to understand the relationships between work and education in the interior of the factory, we ask ourselves: In the context of the popular revolution, which were the challenges of the production? Which were the objectives of the Worker Council in the education process of the others collective workers? What work and world conceptions based the educational projects? In what measure the laboral practices, inspired in the stajanovist principles, were reproducing the capitalistic work organization and were contradicting the ideal of man and of society?

Keys words: Work and education; Workers education; Spanish civil war; Workers councils; Production collectivization

Quem não conhece as elegantes fachadas do magazine *Cortefiel*, em Madrid? Talvez os transeuntes que diariamente passam pelas calçadas da Calle Preciados não saibam das histórias que aconteceram por trás daquelas vitrines! Quem diria que um dia seus trabalhadores foram – eles mesmos – os dirigentes desta empresa que, em 1936, teve seus meios de produção socializados pelo Governo Republicano?

A exploração e degradação do trabalho, historicamente impostas pelo modo de produção capitalista, trazem para os trabalhadores, o desafio da criação e recriação de novas relações no âmbito do cotidiano fabril e nas demais instâncias da vida em sociedade. Além da história “oficial” do capitalismo, na qual a educação é concebida unicamente como “preparação” ou “aperfeiçoamento” para o mercado de trabalho, é importante não esquecer alguns capítulos da história da humanidade nos quais os próprios trabalhadores foram os atores-protagonistas da busca de outra lógica para a articulação entre o mundo da cultura e o mundo da produção.

Entendendo o cotidiano fabril como instância de educação dos trabalhadores, como *locus* de construção de uma nova organização do trabalho e de uma nova relação trabalho-educação, destacamos as experiências das coletividades operárias no período da guerra civil espanhola (1936-1939). Para refletir sobre os conselhos operários e os significados da educação nos movimentos contraditórios do processo de criação de novas formas de fazer e conceber o trabalho, destacamos a Asociación Colectiva de Trabajo Almacenes Quirós - A.C.T.A.Q.– indústria de produtos têxteis, com cerca de 500 trabalhadores, localizada na cidade de Madrid, fundada em 1893 e que, durante a revolução popular passou ao controle do Estado, sendo representado por um conselho formado por 10 operários. Nesta pesquisa nos perguntamos: no cenário político, econômico e social da guerra, quais eram os desafios da produção? Quais os objetivos do Conselho Operário no processo de educação dos demais trabalhadores coletivos? Que concepções de trabalho e de mundo fundamentavam o projeto educativo? Em que medida as práticas laborais, inspiradas nos princípios stajanovista, iam em sentido contrário ao ideário de homem e de sociedade? Em que medida a vida cotidiana no interior da fábrica contrariava/reproduzia a lógica da organização capitalista do trabalho?

Além de reconstituir a relação trabalho-educação no “chão-da-fábrica”, acreditamos que recuperar os dados de uma indústria expropriada pelo Estado – representado pelo Governo Republicano – é uma tentativa de resgatar a história do trabalho na versão dos próprios trabalhadores, sem subestimar a complexidade do contexto e a diversidade de concepções políticas e ideológicas dos protagonistas da revolução popular. A singularidade de Almacenes Quirós¹ reside no fato de que ali, os atores protagonistas da coletivização não eram os anarquistas, trotskistas ou militantes do P.O.U.M.² – como normalmente acontecia na guerra civil espanhola. Ainda que essas forças estiveram presentes e representadas no Conselho Operário, eram os comunistas que detinham a hegemonia política do processo de reorganização da produção. Em outras palavras, se constituíam como força majoritária em Almacenes Quirós aqueles atores sociais que eram acusados, pelos setores mais à esquerda, de lutar contra a coletivização da produção por parte dos operários e camponeses, coletivização esta que era entendida, por estes mesmos setores, como elemento de constituição de uma nova cultura do trabalho e de uma nova sociedade.

Para refletir sobre a história do trabalho numa coletividade operária no período da guerra civil, qual é nossa perceptiva metodológica? De acordo com Kosik (1976), a essência do mundo se revela e se oculta nos fenômenos, assim, acumular todos os fatos não significa conhecer a realidade. Concebendo que a realidade é totalidade concreta, explicitaremos alguns dados, fatos e, em especial, aqueles que emanam das vozes dos trabalhadores e que, de alguma maneira, se constituem como manifestações do cotidiano da coletividade operária. Privilegiamos o discurso dos operários porque acreditamos que ele – ainda que não represente a realidade concreta da vida na fábrica – contribui para nos indicar as características físicas das unidades produtivas, além de expressar as perspectivas de sociedade, trabalho e de educação/formação técnico-política que estavam presentes nas práticas cotidianas de trabalho.

Ademais de fontes secundárias sobre a guerra civil espanhola e documentos oficiais da empresa, utilizamos alguns jornais da época, entre eles, “Producción” – porta-voz dos

operários de Almacenes Quirós , os quais contribuem para a análise da complexa realidade em questão.

Madrid, 1936: coletividades operárias, produtividade e conceito de “benefício”

¡ Madrid, Madrid ! ¡ que bien tu nombre suena,
rompeolas de todas las Españas
La tierra desgarrá, el cielo truena,
tú sonrías con plomo en tus entrañas
(Antonio Machado)³

Depois que as urnas anunciaram a vitória da Frente Popular⁴, uma tentativa de golpe militar desencadeia a guerra civil. Até 1939, em dois anos e meio combatendo a sublevação franquista, o exército popular chegou a contar com 600 mil homens contra 500 mil nacionalistas em armas (incluindo-se as forças de Mussoline e Hitler). Madrid, sede do Governo, centro político, comercial e financeiro do país, era a praça que mais interessava aos militares conquistar, praça onde era mais difícil triunfar a revolução popular. São estimadas umas 100 mil mortes nos campos de batalha, sendo 10 mil somente nas lutas de Madrid, em novembro de 1936 – cidade que sofreu bombardeio das tropas nacionalistas ao longo da guerra. A vitória eleitoral havia representado a conquista de 271 mandatos parlamentares frente a 142 conseguidos pelos partidos de direita⁵. Esta vitória também representava a possibilidade do povo espanhol ir mais além na luta pelas garantias de seus direitos de cidadania. Analisando o significado do golpe militar, Garcia (1977:81) acredita que o mesmo representava uma resposta das forças de direita “ao amplo movimento de expropriação de terras realizado depois das eleições de 36, já que, para os camponeses, o triunfo da Frente Popular era um triunfo seu, de suas aspirações que ultrapassavam em muito os curtos alcances pequenos-burgueses dessa coalizão”⁶. Entre 1936 e 1939, em meio à luta contra o fascismo, o povo tenta reorganizar a produção sob a perspectiva dos próprios trabalhadores. As coletivizações operárias e camponesas ensaiaram uma nova organização do trabalho e um novo sentido para a vida em todas as instâncias da sociedade, inaugurando as transformações necessárias para a garantia do direito de todos à saúde, educação, cultura... Para uma população total da Espanha de, aproximadamente, dezesseis milhões de habitantes, com a população ativa de cerca de cinco milhões, se estima que houve cerca de 1.400 coletivos agrícolas e várias centenas de coletivos industriais e de serviços que reuniam uns dois milhões de pessoas. Na zona do Centro, Mintz (1977:362) nos informa que existiam “240 coletivos agrícolas da CNT⁷, com 23 mil famílias, ou seja, um mínimo de 67.992 pessoas, arredondando, onde se devem agregar os coletivos da UGT⁸, de, pelo menos, outro tanto, ou seja, 176.000 na agricultura”. Na província de Madrid, se destacavam as coletividades camponesas de Coslada, Miraflores de la Sierra, Tielmes, Perales de Tajuñas, Meco, Arganda e Fuentidueña.

De acordo com os dados de Capella (1963:775), em Madrid, “ao começar a Guerra espanhola contra o marxismo (sic!), o total do Censo de Contribuintes da Câmara somava 12.906” e, em 1940, após o fim da guerra, era 12.603 o número de estabelecimentos industriais e comerciais na cidade. Sabemos que o Governo Republicano expropriou a Sociedad Madrileña de Tranvías e os principais meios de comunicação de massas⁹, porém, de fato, qual era a situação da cidade em relação às coletivizações industriais? Sobre agosto de 1937, Franz Borkenau dizia que Madrid apresenta, muito mais que Barcelona, a impressão de uma cidade em tempos de guerra, porém, muito menos a de uma cidade em meio de uma revolução social”(apud Mintz, 1977:109). Ainda que os marceneiros, sapateiros, barbeiros e outros sindicatos coletivizaram suas oficinas e estabelecimentos, na

realidade, comparando com o amplo movimento coletivista da Cataluña, foram poucas as realizações em Madrid. Sob o slogan “Não passarão”, “Madrid estava demasiadamente preocupada com a presença muito próxima da frente de luta para realizar avanços em ampla escala, ainda que também ali aconteceram experiências de caráter “revolucionário”(Garcia,1977:106).

Como um dos principais centros de atenção do levante militar, é, provavelmente, na indústria de armamento para o exército popular “onde a eficácia criadora dos operários alcançou os patamares mais elevados. As necessidades bélicas fizeram com que se desenvolvesse muito a indústria metalúrgica que, por sua vez, desenvolveu as indústrias químicas” (Garcia, 1977:108). Em Madrid, dois jornais, porta-vozes dos trabalhadores, atestam a existência de indústrias bélicas, como a “Sociedad Comercial de Hierros”, situada à rua Méndez Alvaro, e de “Ferrobellum” – Central Metalúrgica”, que fabricavam explosivos, metralhadoras, pistolas, máscaras e outros aparatos de guerra¹⁰.

Além da criatividade, se exigia da população, que vivia o racionamento de víveres, um esforço de guerra! O jornal do Sindicato de Trabajadores de la Industria de Vestido orientava, de maneira contundente, a seus 17 mil filiados quanto às duas alternativas para ajudar a vitória: a primeira era “engajar-se no Exército popular”, a segunda, “trabalhar intensamente para produzir muito e barato”. Além destas, só havia uma alternativa mais: “sair de Madrid¹¹ se, na capital, não se faz nada pela guerra”(Vestido, 1937:nº 1) . Em Madrid, assim como em Barcelona, também as indústrias de bens de consumo eram transformadas em indústrias de guerra, ou melhor, para a guerra. Entre as fábricas e oficinas coletivizadas – cujo processo de produção foi colocado a serviço da vitória da revolução popular – encontramos referências a algumas vinculadas ao setor têxtil e de confecção: além de Almacenes Quirós, Oficinas de Seda Lyon , Confecções Madrid , Fábrica de Gorras Gallega, Fábrica de Gorras Yusta, Manufacturas Valle, Fábrica de Gorras La Burgalesa, Manufactura Zagasti, Casa Pajares e a fábrica de tinturaria e alvejados Ideal. Juntamente com uma reestruturação profunda da economia nacional, era necessário adaptar a produção às necessidades da revolução – no que Almacenes Quirós serve como exemplo do esforço dos trabalhadores madrilenos para produzir os bens necessários à subsistência daqueles que lutavam contra o fascismo, tanto nas frentes de batalha como na retaguarda. Assim, a operária Carmem Prado, desta coletividade, escreve às trabalhadoras da fábrica: “Com o máximo rendimento em vossos trabalhos, trabalhando mais tempo se for preciso, para que , ao Exército do Povo, não lhe falte agasalhos, peças de roupas íntimas e que estejam em condições de resistir a todas as inclemências do tempo”. (Producción:20/01/37). Outro operário, em nome da vitória das forças populares, também reivindica de seus companheiros de trabalho a máxima produtividade:

Mais camisas...! Mais munições...! Mais calçados...! Assim nos disseram os camaradas que heroicamente estão lutando nas frentes de Guadalajara. Nós, os camaradas que estivemos nas frentes, vimos que é necessário trabalhar sem descanso na retaguarda para que estes bravos rapazes que estão dando suas vidas para livrar o mundo dos fascistas não padeçam por falta de roupas.(Producción:05/04/37).

Em setembro de 1937, um balanço das mercadorias produzidas em Almacenes Quirós indicava: 75 mil blusas de lã, 210 mil camisas e 16 mil cuecas (Vestido, 15/09/37). As necessidades de reorganização da produção levaram os trabalhadores de Quirós ao extremo de suas capacidades físicas: 70 horas de trabalho semanal, elevando a fabricação de camisas, jérseis de lã para suprir as necessidades das frentes e da retaguarda. De acordo com a voz de dois operários:

Nossas fábricas estão produzindo, neste momento, o máximo que se pode pedir. Muitas companheiras (todos nós temos conhecimento) estão cumprindo uma jornada de sessenta a setenta horas semanais, o que significa uma média de dez a doze horas diárias, durante a qual produzem de 1000 a 1200 camisas diárias, números que, contando com a dificuldades do momento (...) ultrapassam em muito a todos os que atingimos até agora! (Producción: 20/05/37).

(...) acima dos interesses comerciais, estão as necessidades da guerra: as fábricas podem e devem ser uma ajuda eficaz para a Intendência Militar! E são! (...) em outra fábrica onde produziam, em média, quatrocentos jérseis diariamente, chegam a fabricar mil, sem se importarem com as horas intermináveis de trabalho! E em outra, os momentos de descanso são preparando lã que servirão para confeccionar manualmente agasalhos para nossos combatentes” (Producción, idem)

A própria publicidade, para aumentar as vendas das roupas produzidas, usava como referência a possibilidade da vitória: “TRABALHADORES: comprando nos Almacenes Quirós Coletividade Obreira, favorecerás a numerosos companheiros e contribuirás para o triunfo da revolução espanhola.” E para concretizar ainda mais seu compromisso com o exército popular, os operários de Quirós elegeram os combatentes da 11ª Divisão como apadrinhados, satisfazendo as necessidades de roupas do batalhão instalado em um povoado de Guadalajara. Os compromissos com a revolução também eram de dividir com os companheiros as tarefas, tanto nas frentes de batalha contra o inimigo como nas frentes de trabalho fabril, assim, em Quirós, “(...) em alguns momentos, 65% de nossos trabalhadores se encontravam nas trincheiras, defendendo com armas os ideais de justiça que todos desejamos”.(Producción, 05/02/37)

Assim como em outras fábricas e oficinas, na Asociación Colectiva Almacenes Quirós – ACTAQ, o principal objetivo era a produção da liberdade dos trabalhadores do jugo do capital, o qual tinha como condição *sine quae non* a vitória popular. Se, de um lado, o trabalho era elemento fundamental na luta contra o fascismo, de outro, os operários foram mais além em suas perspectivas de classe. Ao contrário da lógica capitalista de produção, o lucro não seria o resultado da exploração obtida com a máxima produtividade do trabalho – como lhes era imposto pelos antigos proprietários desde o final do século passado. O excedente da produção não teria como finalidade a satisfação imediata deste ou daquele trabalhador, ao contrário, seria o resultado do esforço do coletivo operário para a vitória da revolução popular. O benefício principal e imediato da coletividade seria garantir os postos de trabalho e a remuneração para a sobrevivência dos trabalhadores e, ...quem sabe, desfrutar plenamente dos frutos do trabalho na futura sociedade que desejavam e que tentavam construir. Para ilustrar a perspectiva de “benefício” que agora passa a ser o móvel do trabalho, reproduzimos parte de um editorial de “Producción”, no qual o Conselho Operário criticava a lógica do capitalista ,

(...) que acredita que produz riqueza engordando sua fortuna pessoal e que faz os outros acreditarem que a pátria será mais rica quanto maior for sua conta corrente pessoal e que todos os espanhóis devemos nos sentir orgulhosos das jóias que ostentava sua senhora nas festas palacianas(...).Para o porvir devemos descartar de nosso espírito e de nosso vocabulário a palavra benefícios no sentido estreito de “dinheiro a repartir” pois se este dinheiro que antes era guardado pelo patrão capitalista, agora, se o repartíssemos nós mesmos, em primeiro lugar, caberia muito pouco a cada um e não teríamos feito mais que tirar o posto de um patrão burguês para instalar nele quinhentos ou mil. Não, esses “benefícios” não deve interessar -nos; devemos aspirar a um outro tipo de benefícios mais benéficos. O primeiro benefício da coletivização da indústria será assegurar a continuidade e a estabilidade do trabalho. A implantação do trabalho como único meio legal de vida, trará, como conseqüência, a intensificação da produção e a divisão eqüitativa da riqueza ou dos meios de produção através da totalidade do território espanhol(...).

Do esforço comum e simultâneo de todos os braços, de todos os cérebros, de todos os corações espanhóis, surgirá a grandiosa economia nacional que tanto falaram e pela qual tão poucos fizeram aqueles que não conheciam interesses além de seus interesses pessoais, nem a Espanha além daquela que representava a classe que eles pertenceram (Producción, 05/03/37)

Conselho Operário: homens e mulheres na organização da produção

A revolução espanhola conviveu com duas formas de gestão da produção pelos trabalhadores: a primeira era o Controle Operário, que existia nas pequenas e médias fábricas, naquelas em que o proprietário não havia fugido. Os proprietários não podiam tomar nenhuma decisão sem consultar a Comissão dos Trabalhadores. A segunda era o Conselho Operário, como no caso da A.C.T.A.Q., que era um tipo de organização, no interior da fábrica, que se formava na situação em que desaparecia a figura do antigo proprietário e os trabalhadores iam, na prática, preparando-se para exercer todas as tarefas de planejamento e execução. Como órgão coordenador do trabalho fabril, o Conselho era formado por tantos membros quanto eram as seções que compunham a unidade produtiva. Cada seção elegia seu representante e o presidente era eleito pela coletividade em votação geral. A defesa dos interesses coletivos seria o fundamento da vida na coletividade.

O texto final do regulamento do Conselho Operário da A.C.T.A.C. foi publicado no jornal Producción – o qual tentaremos resumir. A associação, a qual pertenciam todos os companheiros que trabalhavam na empresa na data de sua expropriação, tinham “como principal finalidade a exploração comercial dos meios de produção e venda que dispõem, com o objetivo de contribuir para o engrandecimento da economia nacional e interesses de seus associados”. Os que haviam ingressado depois desta data somente passariam a integrar a coletividade depois de um ano de trabalho. Os filhos e irmãos dos trabalhadores tinham preferência para ocupar os postos vagos, desde que estivessem sindicalizados, além de aptos para desempenhar a função a realizar. Junto com o Conselho Operário se criaria “uma Comissão Revisora de Contas, composta por um membro eleito em cada seção”, cujo objetivo era fiscalizar a administração geral da coletividade. Ou seja, esta comissão tinha o poder de controlar a gestão do Conselho Operário, o qual deveria, semestralmente, apresentar balanço de resultados da produção, colocando seus cargos à disposição da assembléia geral. Nesta perspectiva, Antônio Lagar dizia aos demais trabalhadores que o conselho podia equivocar-se mas, jamais podia ser visto como a continuação dos senhores Quirós, pois se daqueles senhores não era possível tirar-lhes os postos de direção, a este conselho podiam. (Producción, 20/01/37)

As matérias do “Producción”, relativo ao ano de 1937 indicam a existência de 500 trabalhadores na coletividade, outras vezes fazem referência a 400, de ambos os sexos; em um artigo, de setembro de 1937, falam em “trezentos companheiros”. Não estamos seguros dos números exatos em cada um dos diversos momentos da guerra civil, porém sabemos que eles variam de acordo com a solicitação do Governo Republicano para que os trabalhadores se engajem nas frentes de defesas de Madrid. Entretanto, sabemos que, historicamente, as mulheres foram a força de trabalho predominante na indústria têxtil; em “Vestido”, o jornal porta-voz do Sindicato de Trabajadores de la Industria de Vestido (com 17 mil filiados), é possível observar que as matérias são, em sua maioria, dirigidos às mulheres trabalhadoras e são elas que tem a palavra nos informes sobre as oficinas e fábricas coletivizadas em Madrid. É curioso observar que, embora nas fábricas da Coletividade Almacenes Quirós o sexo feminino representava quase a totalidade do pessoal – o que é possível verificar através das fotos publicadas no jornal – são os homens que, em geral, ocupam os cargos de liderança

técnica e política. Se, por um lado, a participação das mulheres não correspondia a sua presença numérica, elas estavam representadas no Conselho Operário, mesmo que só em Camisaria e Tricotagem. Entre os dez trabalhadores que participaram da primeira gestão, somente três eram mulheres; também na Comissão fiscal de contas, composta de cinco membros, figura a presença de uma trabalhadora representante da Tricotagem. Como tentativa de aumentar a participação feminina no cotidiano fabril, é possível notar a constante preocupação em promover a emancipação da mulher e a igualdade de direitos na nova sociedade que se construía. Segundo a operária Carmen Sardina, as mulheres iam

(...) deixar de ser o instrumento sexual e de cozinha que nos tinha destinado o sistema capitalista para ser mais um parafuso da máquina de construção da nova Espanha. (...) no tempo novo teremos que ser somente a companheira que comparte a felicidade com o companheiro, não só compartilhar o trabalho, mas, ao mesmo tempo ajudarmos com o nosso esforço a viver com alegria e fazer do trabalho um prazer, que tanto sonhamos as trabalhadoras que hoje estão conquistando os trabalhadores nas frentes de batalha(...) Companheiras: por nossa imediata emancipação, derrotemos ao fascismo a partir de nossas máquinas produzindo mais e melhor. (Producción, 20/02/37)

Além de uma ferramenta de luta contra o fascismo, o trabalho era considerado um elemento fundamental do processo de liberação da mulher, a qual, junto com os homens, construiriam uma sociedade não opressora, livre da escravidão do capital. Tendo a mesma capacidade de trabalho, homens e mulheres eram indistintamente produtores dos bens materiais e dos bens culturais necessários à construção de uma sociedade igualitária. A importância do novo papel da mulher no processo produtivo está muito bem expressa em uma manchete do jornal "Producción": Sob a ilustração de uma mulher seminua entre uma engrenagem e várias chaminés de fábrica, se lê: "MULHER! Em tuas mãos se confia o comércio e a indústria! Defenda-os!".

Tricotagem – aprender e ensinar no "coração da fábrica".

Além de tentar descrever o processo produtivo de Almacenes Quirós, nosso principal objetivo é explicitar alguns dos saberes que detinham os atores da coletividade obreira sobre as tarefas fabris e sobre seus desafios tecnológicos. Para isto elegemos o cenário da Tricotagem, uma das seções de Almacenes Quirós¹² e um dos muitos espaços onde se manifestava a síntese do saber científico e do saber prático adquirido/produzido pelos trabalhadores "no-chão-da-produção"! Para isto vale a pena reproduzir, às vezes, extensas explicações dos trabalhadores sobre as especificidades da maquinaria e da linha de produção.

Tricotagem era a seção da Coletividade Almacenes Quirós onde se fabricava o vestuário de ponto, principalmente artigos de lã. Um suposto "jornalista" que assina com as iniciais L. R. C., descreve as instalações de Tricotagem como "um prédio de construção nova e linhas esbeltas, no atraente bairro de Chamberí, na localidade conhecida por Merendero del Tio Merege". O objetivo da visita do jornalista teria sido o de conhecer as dependências da empresa e para socializar as informações a seus leitores, reproduzia em seu artigo a explicação do responsável pela fábrica que o havia acompanhado:

Térreo – Depósito de materiais, fios em grandes molhes: Lãs Austrália, Lã, Novidades, Algodão e outros materiais.

Primeiro andar – Maquinaria, muitas máquinas, veja, uma das várias fiadoras; esses grandes molhes que lhe mostrei, são colocados sobre estes discos, transformando-se em carretéis, cones, bobinas; esta outra nos prepara os cones que são utilizados nestas máquinas, veja: nesta seção todas são Tricoteiras; estas máquinas são muito

complicadas, é onde fabricamos as peças de tecidos para confeccionar estas blusas e jaquetinhas que o senhor contemplou em uma de nossas exposições (Producción, 5/05/37).

Como funcionava a máquina Tricoteira “Ban”? A explicação nos dá um operário chamado Dionísio Rebollo, que nos adverte que, ainda que não seja um técnico, tem uma “pequena idéia” já que trabalhou durante muitos anos na Casa Quirós. É importante observar que o operário descreve todos detalhes das diversas operações, mesmo desconhecendo a ciência que a máquina incorpora:

De acordo com o tecido que queira fazer, se colocam tantas bobinas quantas sejam necessárias com suas cores correspondentes. Coloca-se a bobina sobre um suporte, onde sobressai um gancho que é onde será colocada a bobina, passando por um “estica-fio”, que funciona sobre a prancha da máquina; na referida prancha estão selecionadas as agulhas que fabricam o tecido. Para fabricar o tecido existem duas filas de agulhas que somam um total de 1.200, que ao passar os carros que transportam os “porta-fios”, passam sobre as agulhas confeccionando o tecido. O tecido que se fabrica vai sendo levado por um “esticador”, o qual carrega pesos para graduar a tensão de forma que não se solte das agulhas; esta máquina tem um relógio contador com uns dentes que, ao dar uma volta completa, um dente se move e, ao atingir as voltas correspondentes a um jérsei, dispara automaticamente e volta a começar outro.

Para colocar esta máquina para funcionar há uma manivela que é a que dá aos carros seu movimento de vai-e-vem, e para parar basta soltar um fio que ela pára rapidamente. Ela também pára quando um fio tem um nó, mesmo que insignificante, que agarra no “estica-fio” e dispara automaticamente. Em cima da prancha vai umas barras que levam oito “porta-fios” (4 grandes e 4 pequenos). O funcionamento da referida máquina consiste em uma “cadeia” automática que produz os movimentos que se deseja para fabricar um tecido, por exemplo: Funcionam dois “porta-fios” grandes e um dos movimentos o faz pegar um grande e um pequeno e, desta maneira, fazendo a troca de fios, sai o tecido em várias cores; funcionando somente dois é quando sai o tecido de uma só cor. O principal da máquina “Tricoteira” é a tal cadeia que é responsável por propiciar todos os tipos de mudanças e desenhos. (Producción 20/05/37).

A aula sobre a máquina Tricotosa Ban ditada pelo operário Dionísio Rebollo convida os especialistas em “arqueologia industrial/arqueologia do trabalho” a reconstituir as características da produção têxtil no segundo terço do século passado. (Afinal, o que seria do trabalho dos intelectuais sem o trabalho daqueles que quotidianamente realizam o processo produtivo?). O mais significativo é que os conhecimentos de Dionísio não se constituem como conhecimentos privados, como conhecimentos seus, do engenheiro ou do técnico, pelo contrário, deveria ser de toda a coletividade – propriedade de todos os trabalhadores dos Armazéns Quirós. Dionísio termina dizendo:

Seria muito interessante para todos os operários da coletividade conhecer o manejo desta máquina, tratando-se de uma coisa tão bonita e curiosa, não creio que traria inconvenientes aos operadores das mesmas dedicar, fora das horas de trabalho, aos demais companheiros, conversas e explanações sobre a mesma, para que percebessem a importância que tem a máquina Tricotosa (Producción, 20/05/1937).

Para os operários que, ao longo da história da empresa, haviam sido excluídos da possibilidade de acesso aos “segredos” tecnológicos da produção, a prática era, para a grande maioria, a única fonte de conhecimento. Agora, o saber que era socialmente produzido no processo de trabalho, não deveria ser propriedade deste ou daquele operário, mas sim pertencer e ser difundido ao coletivo fabril. Uma das ferramentas de socialização de saberes era o jornal “Producción”, em cujos artigos, escrito pelos trabalhadores, foi possível obter a informação de que a seção de Tricotagem era composta de máquinas de tecer, urdidoras, cardadoras e de laminar. Entre elas estavam as chamadas “Rachel” que funcionavam com um

operador no turno da manhã e outro no turno da tarde. O operário Aristide, que trabalhava nesta fábrica nos explica que na qualidade da produção influe o estado da lã, o cilindro estar bem tensionado, a nivelção dos pesos, o estado geral da máquina, etc. (Producción, 20/02/37). As máquinas “Rachel”, em geral, faziam o tecido de uma peça em três horas, porém já alcançou o record de 55 minutos com algumas operárias “stajanovistas” (estilo de produção do qual falaremos adiante).

Na Tricotagem também se encontrava a oficina de confecção. O processo de produção, conforme explicação também muito detalhada que foi passada ao suposto jornalista L. R. C., é o que tentaremos sintetizar: corte do tecido, preparação para a montagem, costura, corte das sobras, passo pelo transportador, pesponto de segurança, colocação dos enfeites, remate da peça, controle de qualidade, alisamento a vapor e embalado (papel celofane – caixas). Ali, a quase totalidade das máquinas era de procedência estrangeira e, com o bloqueio econômico imposto à Espanha revolucionária, se apresentou o problema de reposição de peças imprescindíveis, que não se encontravam em outras oficinas de confecções de Madrid ou Barcelona. Assim as principais máquinas iam parando, ameaçando o futuro das 200 operárias da Tricotagem. Alguns destes problemas eram resolvidos com a vontade e habilidade dos operários de Quirós, que, com criatividade, conseguiam fabricar/reproduzir as peças originais necessárias para manter a produtividade. O trabalho na fábrica e os desafios da guerra os obrigavam a uma nova qualificação.

Sabemos que não é possível falar de qualificação sem falar de divisão do trabalho. No interior da organização capitalista, a possibilidade de acesso ao saber socialmente produzido e a amplitude de seus fundamentos histórico-científicos tem, como pressuposto, a hierarquia da produção. Em Almacenes Quirós, assim como em outras fábricas, a revolução popular permitiu outra lógica para o processo produtivo: permitiu que os trabalhadores sistematizassem e ampliassem seus saberes além do permitido pelos antigos proprietários e por suas condições de classe. Como disse Gramsci, no mundo moderno, a educação técnica, organicamente articulada ao trabalho industrial, mesmo o mais primitivo e desqualificado, deve constituir a base do novo tipo de intelectual (1982:8). Ao aprender e ensinar no “coração da fábrica”, os trabalhadores davam os primeiros passos em direção a uma formação técnico-humanista; no entanto, o conhecimento prático imediato – ainda que expressão de uma determinada teoria – por si só não era suficiente para responder às necessidades da produção e tão pouco as necessidades da omnilateralidade e da multidimensionalidade humana.

A fábrica-escola: do “técnico” à capacitação de todos os trabalhadores

A guerra civil e, com ela, a socialização da produção, levantavam numerosos problemas e desafios; para o Conselho Operário o mais importante era a questão da moral do trabalhador. A prática cotidiana indicava que, na maioria dos casos, ao responsabilizar-se pelos meios de produção, o trabalhador não estava suficientemente preparado técnica e politicamente para enfrentar o novo papel que ocupava no processo produtivo. A profunda revolução não significava apenas a passagem dos elementos da produção das mãos do capital para a dos trabalhadores; também exigia uma mudança radical de sua mentalidade, ou seja, de sua relação com seu próprio trabalho. A transformação social não aconteceria somente a partir da luta de classes propriamente dita, mas, fundamentalmente na busca de um novo significado para a produção, inaugurando uma nova cultura do trabalho. Porém, sabemos que isto seria o resultado de um longo processo; na realidade, “poucos compreenderam plenamente que os instrumentos de trabalho, as máquinas, as ferramentas, inclusive as grandes lojas de comércio, são matéria inerte e fria e só podem ser irrigadas de vida pelo espírito, o entusiasmo e o carinho do homem que as manuseia”. (Producción, 20/01/37).

Com a fuga dos antigos proprietários, fugiram também os técnicos que ocupavam as chefias em Armazéns Quirós. “Ao desaparecer a gerência houve também a necessidade de afastar da indústria os técnicos que eram contrários ao regime” (Producción, 05/04/37). Porém, nem todos os técnicos podiam ser considerados inimigos da coletivização pelo fato de terem participado como intermediários dos capitalistas; a eles pertenciam alguns dos segredos da fábrica e, por isto, era necessário torná-los aliados. Antonio Lagar dizia que “nós nos distanciamos do obreiro técnico quando temos que ver nele o irmão mais velho que nos guia e ajuda em nossa rápida emancipação”.(Producción, 20/02/37). Entretanto, agora, o conhecimento não seria só propriedade dos técnicos; era necessário que todos os operários da coletividade se tornassem operários-técnicos. Aos trabalhadores que historicamente estiveram relegados às tarefas de execução, agora lhes cabia a gestão da produção e, para dar conta de sua nova tarefa, levavam como bagagem os conhecimentos práticos adquiridos “com a mão-na-graxa”.

Segundo Gramsci (1982:7-8), todos os homens são intelectuais, no entanto, em nossa sociedade, não todos desempenham a função de intelectuais. Em Almacenes Quirós, aqueles que, ao longo da história da empresa foram impedidos de criar e recriar plenamente seu trabalho, agora se colocavam diante da possibilidade de transformar-se em intelectuais de novo tipo, ou seja, transformar-se em governantes de si e de seu trabalho. Para tal era preciso articular conhecimento prático e conhecimento científico, articular técnica e ciência conforme as necessidades político-sociais de seu projeto de classe. Desde esta perspectiva, Reinoso, do Conselho Operário, escrevia aos demais companheiros da coletividade:

Diz Lenin: Toda cozinheira deve saber administrar o Estado (...) devemos aspirar, na sociedade futura, que cada cidadão, cada operário esteja capacitado a desempenhar esta função(...) Isto é que nos ensina a frase de Lenin: A questão da capacitação de todos sem distinção de sexo nem de cargo na produção.

Então, quando esta capacitação for um fato, sem diferenças a não ser os talentos naturais (que ao longo do processo também desaparecerão), então, o problema da responsabilidade dos postos de chefia se haverá simplificado. Com a compreensão entre o camarada responsável e seus colaboradores se fará mais fácil e mais eficaz a tarefa da produção (Producción,05/02/37).

Contrariando a lógica da organização capitalista de produção, a perspectiva de formação de “técnicos” não era restrita aos membros do Conselho e sim um desafio a todos os operários da coletividade. O projeto educativo era parte integrante do projeto de homem e de sociedade que a revolução popular começava a ensaiar. Para isto, desde já, cada um dos trabalhadores deveria deixar de ser um apêndice da máquina, transformando-se em operário-técnico:

É preciso acabar com o operário autômato, sem iniciativa nem curiosidade por sua profissão. É necessário que o operário conheça a fundo suas máquinas para que esta conjugação de braço e ferramenta ajude a criar o amor do trabalhador por sua obra; ajude a instaurar uma nova moral do trabalho com obrigação social e, por último, contribua para que desapareça o odioso conceito de trabalho como castigo, que tanto influenciou para a desordem social que tivemos que suportar durante a era capitalista.

O trabalho era a arma fundamental na construção da sociedade socialista, assim era preciso aumentar e melhorar todas as formas de produção, porém, sob um novo princípio: o fim da dicotomia fazer e pensar o mundo fabril. A tarefa dos novos trabalhadores coletivos seria aprender a utilizar os últimos avanços tecnológicos e criar novas técnicas e, além do mais, fazer “que a alma da máquina seja mais perfeita, que o operário, sendo um verdadeiro técnico, tire dela o máximo de rendimento”(idem). Como havia dito Luiz Marcos, da Juventud Socialista Unificada – J.S.U., “é na técnica onde se deve fazer a revolução, já que

nós necessitamos, para a nova era de trabalho, uma nova técnica” (Producción 20/03/37). Se, por um lado, o trabalho era considerado como uma das chaves para garantir a vitória do exército popular e construir a nova sociedade, por outro, a educação dos trabalhadores também era uma das condições para alcançar tal objetivo. Em um artigo para “Producción”, um operário fala da situação de “ignorância” em que se encontra a classe operária e, em especial, os operários de Almacenes Quirós. Sob o título “Cultura e Trabalho”, denuncia os capitalistas, considerando que a educação era para eles um instrumento de dominação de uma classe sobre outra:

É evidente que nossa falta de conhecimento geral ou, o que é o mesmo, a incultura que o capitalismo havia imposto como um tormento a mais para o trabalhador, a classe privilegiada fez desta ignorância seu mais firme pedestal de combate, porque assim vedado ao trabalhador o terreno da cultura eles se sentiam mais confiados em seu “cetro” de casta superior eleita. (...) Nós haveremos de compreender bem que nossa Coletividade ficará cada dia mais confiante na medida em que nossas inteligências vão se abrindo. Em nossa fábricas temos companheiras analfabetas e outras que quase são também, e que podem exibir como herança da classe explorada (Producción, 05/10/37).

Na guerra civil, a educação teve um importante papel: a bandeira de luta era combater o analfabetismo e promover a emancipação cultural dos trabalhadores e da população em geral¹³. O Sindicato dos Trabajadores del Vestido advertia aos Conselhos Operários, aos comitês de controle, aos comissários sindicais e aos demais responsáveis por oficinas e fábrica: “(...) o dever que tem de ajudar nosso Comitê Central em sua luta pela cultura. Por tanto cuidem para que todo companheiro e companheira analfabeta procure as escolas que o Ministério de Instrução Pública colocou a disposição de nosso Sindicato” (Vestido, 15/03/37). Além das muitas iniciativas do Ministério de Instrução, como os Institutos Obreros, foram criadas verdadeiras escolas no interior dos espaços de trabalho. Cada fábrica organizava suas aulas de acordo com as necessidades imediatas de seus trabalhadores. A indústria bélica “Ferrobellum”, preocupada com a educação primária e com a capacitação técnica de seus operários, organizou “uma completíssima escola” dividida em 3 seções: a primeira era destinada a analfabetos e semi-analfabetos, onde exercitavam, sobre tudo, a leitura e escrita; a segunda, para “desenvolver amplamente as duas matérias e a aritmética. E a terceira, em fim, para estudos tais como geometria, geografia, gramática, etc.” As aulas aconteciam depois da jornada de trabalho: todos os dias, de nove a dez e meia da noite. E, objetivando atender as necessidades de acesso à cultura geral, todos os domingos se promoviam conferências sociais e profissionais (Ferrobellum, 14/07/37). O mesmo acontecia na “Comercial de Hierros”, onde um grupo de trabalhadores tomou a iniciativa de organizar uma escola técnico-profissional, cujas aulas aconteciam na fábrica mesmo. As disciplinas, tais como desenho linear, geometria e aritmética, eram dadas pelos técnicos da Coletividade. Assim, o jornal “Hoy”, porta-voz da coletividade, anunciava com orgulho que

Nossa fábrica já tem também sua escola, seus alunos e seus professores. Uma escola muito simples, muito modesta, destinada a dar-nos aqueles conhecimentos de instrução primária e profissional que podem ser base para outros possíveis e mais extensos estudos. Até ela tem chegado muitos operários, cansados da jornada, porém animados ante as novas e radiantes perspectivas de conhecer o ignorado. (...) Já temos, então, nosso filão de cultura. Ninguém na fábrica deverá, em pouco tempo, denominar-se analfabeto (Hoy, setembro / 37).

Também em Almacenes Quirós, a socialização dos meios de produção obrigava que os novos gestores fossem mais além de um saber prático e fragmentado, exigindo-lhes o acesso aos fundamentos do mundo do trabalho e do mundo em sociedade. Acreditavam que a promoção de cursos elementares (compactos) poderia ajudar a aumentar a capacidade criadora e produtora dos operários. Porém, quem seriam os professores responsáveis por tantos alunos?

Aos companheiros capacitados os exortamos a que ofereçam a colaboração. Aos companheiros desejosos de aumentar seus conhecimentos lhes recomendamos que não vacilem em dedicar algumas horas semanais a esta tarefa. Enviar à Redação(setor de propaganda), por escrito, seus conhecimentos para ensinar ou aprender (...) (Producción,05/02/37).

Ao longo de suas vidas, muito poucos haviam tido acesso ao conhecimento universal sistematizado, muito poucos tiveram o privilégio de freqüentar uma escola. Ainda que não tenham desenvolvido um discurso que reconhecesse a legitimidade do “o-que-fazer” como fonte primeira do ato de conhecer e que no saber prático –ainda que fragmentado – está contida uma determinada teoria e uma determinada concepção de vida e de mundo, os trabalhadores reconheciam que um dos princípios para a sua emancipação cultural era a socialização e distribuição do conhecimento produzido/adquirido por eles mesmos tanto na própria fábrica de Quirós como nas demais instâncias sociais. Entendiam que, além de proprietários da fábrica, eram sujeitos do saber:

Vários companheiros nos tem oferecido suas colaborações para a formação de cursos de aperfeiçoamento e capacitação. Estes companheiros estão dispostos a dedicar os domingos pela manhã aos companheiros e companheiras que desejam adquirir ou ampliar seus conhecimentos. São estes os companheiros: Juan José, que explicará Contabilidade; Valls (engenheiro) que explicará Aritmética, Geometria e técnica industrial; Mariano, que explicará Gramática, Reinoso, que explicará Francês e Desenho (Producción, 05/03/37).

Assim, de segunda a sábado, de sete e meia às nove da noite, ofereciam aulas de geometria, gramática e ortografia,. Depois de uma longa jornada de trabalho, os operários iam para a escola improvisada; sentar nos bancos escolares era para eles um privilégio, além da possibilidade de tornar real o sonho de construir uma nova lógica para a organização do trabalho e da vida na sociedade. Porém, a escola não seria o único espaço para ampliar seus conhecimentos sobre a realidade; a organização de uma biblioteca era outra alternativa que propiciava a realização do desejo de acesso à cultura.

Na sala de leitura da biblioteca, organizaram "leituras coletivas comentadas e discussões sobre as mesmas, assim como conferências e projeções de filmes" (Producción , 20/02/37). Os operários poderiam freqüentá-la fora das horas de trabalho e aos domingos pela manhã. Os livros eram obtidos através de doações; em março de 1937 haviam conseguido 300 livros e em setembro de 1937, o levantamento do bibliotecário Luis Andrados indicava 568 livros assim distribuídos: "500 livros da seção de literatura geral (novelas, etc.); 6 livros da seção de Poesias; 37 livros da seção de Estudos; 7 livros da seção de Político-Social". (Producción, 15/09/37). Para estimular o hábito de leitura e, assim, ampliar a cultura operária, a Biblioteca promoveu o Primeiro Concurso Cultural, cujo objetivo era "conhecer autores de diferentes produções literárias e musicais, de pintura e algumas invenções." Os prêmios aos ganhadores atestavam o espírito educativo da iniciativa: Don Quijote de La Mancha – de Cervantes; um álbum de reprodução dos quadros de Velazquez; obras completas de José María Gabriel y Galan. (Producción, 05/10/37) . O teatro era também uma forma de educação; o Socorro Vermelho Internacional organizou o grupo Os Marinheiros do Komosol ¹⁴, composto por vários operários-atores, que chegaram a encenar "Os Semideuses", de Federico Oliver.O grupo mais tarde se fundiu à "Curva", escola proletária de artes cênicas que era dirigida por Zesar D'Rio, que defendia a importância do livro, da arte como armas para conquistar a consciência universal.(Producción, 20/07/37)

A educação não seria somente técnica, mas também fundamentalmente política. Não era importante uma formação estreita, utilitarista, imediata, para o mundo do trabalho, mas sim uma formação integral, geral e ampla. O processo de formação de novos dirigentes da produção contemplava as diferentes instâncias do ato de conhecer: desde a máquina aos

bancos escolares, passando pela vida artística e cultural. O ponto de chegada seria uma nova maneira de fazer e conceber o trabalho e o mundo em seu contorno, contribuindo para que, no futuro, pudessem tornar-se intelectuais de novo tipo, ou melhor, sujeitos produtores e criadores da história, capazes de transformar a ciência e a técnica em expressão de seu projeto de classe.

Stajanovismo, participação e compromisso político.

Em "A voz amiga de Stajanov", o periódico *Ferrobellum* reproduz "a vibrante carta que Alexis Stajanov, o operário sagaz, criador de um sistema de trabalho já famoso, dirigiu à Dolores Ibarruri". Dizia ele, orgulhoso:

Me sinto envaidecido ao saber que os métodos de trabalho socialista, tão amplamente adotados em meu país, tenham encontrado eco no povo espanhol... ao aumentar o rendimento de vosso trabalho, estais ajudando à vitória! Mais munição! Municinando-lhes aos valorosos atiradores cujas balas vão limpar a terra de Espanha dos assassinos fascistas. (*Ferrobellum*, 29/07/37)

O modelo stajanovista de produção, que se caracterizou como uma versão soviética do taylorismo e, de acordo com o que demonstra a carta de Stajanov à Dolores Ibarruri¹⁵, havia sido amplamente divulgado na Espanha como uma alternativa para garantir o máximo de produtividade. Mesmo pretendendo abolir o "gorila amestrado", os métodos de fabricação reproduziam os princípios elementares de Taylor de que todo operário devia ser uma mão controlada por um cérebro distante (Braverman, 1981) – como requeria a organização científica do trabalho. A engenharia de tempos e métodos garantia a eficiência do trabalho através do controle de um corpo, cujos movimentos haviam sido previamente estudados e programados. Na verdade, as práticas stajanovistas mantinham o "cronômetro de parada automática" como paradigma da produção, mantendo na oficina a dicotomia entre músculos e cérebros. Nas coletividades obreiras, Stajanov representava o símbolo da dedicação ao trabalho; nas oficinas da Confecções Madrid era ele quem inspirava o trabalho árduo de tantas mulheres: "Em nossa oficina, que faz com 15 máquinas, 561 canadenses e 56 tabardos, que fazem um total de 617 peças, sendo as melhores stajanovistas Maria Luna, Irene Nieto e Matilde Gonzales (...)" (Vestido, 15/03/37). Na fábrica Comercial de Hierros, ser um stajanovista também significava ser comprometido com os objetivos sociais da indústria, era o trabalhador que produzia dia e noite, "sem meta, sem jornada fixa; melhor dizendo, fazendo tudo, verdadeiros Stajanovistas, incentivando uma moral de guerra." (Hoy, agosto/37).

Além de um método de produção fundamentado na "organização científica do trabalho", o stajanovismo se constituiu como um movimento para revolucionar as indústrias seguindo a revolução socialista na Rússia e agora na Espanha, depois que os trabalhadores ocuparam as indústrias em 1936. O objetivo era por a técnica a serviço dos interesses dos trabalhadores e não mais a serviço do capital – em vez de "time is money", a máxima produtividade teria como lógica a distribuição igualitária dos frutos do trabalho, satisfazendo as necessidades básicas do ser humano.

O movimento stajanovista nos conchama a promover uma revolução em nossas indústrias e é, precisamente por isto que o movimento stajanovista é na sua essência profundamente revolucionário. Este movimento tem, antes de tudo, como base, o melhoramento radical da situação material dos operários. A vida torna-se melhor e mais alegre, e quando se vive alegremente o trabalho anda bem. (...).

Outra causa do movimento stajanovista é a inexistência da exploração. Nós temos que nos dar conta de que trabalhamos (...) para nós mesmos, para nossa causa, para nossa Espanha, onde estão no poder os melhores homens da classe operária. É por

isto que em nosso país o trabalho tem um verdadeiro significado social. (Producción, 20/03/37).

Não há dúvida que o trabalho ganhava outro significado no interior das coletividades obreiras. Ainda que a organização stajanovista da produção não possibilitara a articulação trabalho manual e trabalho intelectual, as mudanças tecnológicas exigiam uma nova qualificação dos trabalhadores: era preciso aprender a ser um stajanovista, em outras palavras, dominar o próprio corpo para dominar a maquinaria, colocando-a a disposição dos interesses coletivos da sociedade. A nova qualificação não era meramente técnica, mas também política: além de controlar o corpo, aprender a viver em coletividade era aprender a compartilhar os frutos do trabalho e o próprio trabalho.

Creio que o trabalho em coletividade será a forma do trabalho no futuro, já que este será a base de uma colaboração conjunta e entusiasta, onde cada um dará de si todo o rendimento que seja capaz, sem escamoteações, sem regateio de esforços; pois sabe que suas atividades é recompensada com o engrandecimento e o bem estar da humanidade. (Producción, 20/08/37 – por José Mantero – responsável pela Tricotagem).

Agora, a ética protestante teria outra versão: "o trabalho é um esforço que enobrece o homem", porém sua recompensa não seria o reino dos céus mas sim para que a humanidade – e não ele, homem individual – a desfrutasse na sociedade dos homens. O trabalho era concebido como sacrifício, parecendo não haver possibilidade de prazer em seu conteúdo; a possibilidade do prazer não estava na possibilidade do trabalho-criação, mas na possibilidade longínqua de um futuro de bem estar para a humanidade. O stajanovismo estava restrito a preocupações no âmbito da organização e da divisão racional do trabalho: à aplicação eficiente da ciência, à criação de novas técnicas. Se, por um lado, o modelo stajanovista de produção não fez transformações profundas na divisão técnica do trabalho, diminuindo muito pouco a distância entre planejamento e execução, por outro, as próprias dinâmicas da coletividade e da guerra civil inspiravam cada trabalhador a constitui-se como um homem novo – aquele que é capaz de repensar e refazer a si mesmo e o seu entorno. Pelo menos, o processo educativo tentava caminhar nesta direção: a formação integral do trabalhador, compreendendo que a reconstituição da multidimensionalidade humana seria o resultado de um longo processo.

No contexto da guerra civil, a socialização dos meios de produção, longe de representar a conquista do reino da liberdade, era um dos requisitos básicos para tentar garantir as condições mínimas para sobreviver e resistir ao fascismo. Neste contexto, o trabalho não podia significar outra coisa além de esforço e sacrifício – ferramenta para construção de melhores dias para a população espanhola. Mesmo sendo uma propriedade coletiva do conjunto dos operários, os frutos do trabalho e as riquezas produzidas não lhes pertenciam, mas sim à causa revolucionária. De acordo com Marx, ao trabalhar o homem transforma a natureza e a si mesmo, assim, ao trabalhar, os homens e mulheres de Quirós faziam da natureza uma de suas forças, contribuindo para tornar real a possibilidade da criação dos novos homens e novas mulheres. Enquanto o reino da necessidade e o da liberdade não se tornavam reais, os operários continuavam produzindo incessantemente – talvez produzindo a um ritmo maior que no passado próximo, porém com um objetivo diferente do que tinham na época dos patrões. Agora, a máxima produtividade estava a serviço de uma causa distinta da anterior:

(...) Nossos ex-patrões, esses senhores que, com suas frases, atemorizavam o operário para que produzisse muito para ele, e o trabalhador, com medo que o despedissem, se sacrificava, se matava de trabalhar! Para quê? Para que o patrão ficasse com o produto e o trabalhador morrendo de nojo! Isto não deve voltar a existir e é isso que nós devemos evitar. Como? Produzindo(...)devemos colocar

todos os nossos esforços para aniquilar de uma vez com o fascismo. Companheiros e companheiras: "Produzir". (Producción, 20/02/37).

Satisfazer as necessidades mínimas era condição *sine-qua-non* e, ao mesmo tempo, parte integrante do reino da liberdade – e isto não se fazia sem disciplina. O regulamento da coletividade não deixava dúvida sobre a necessidade da disciplina:

art.27 – Será considerado como indesejável dentro da Coletividade e sancionado, inclusive com a expulsão, todo associado, qualquer que seja sua responsabilidade, que não observe em seu trabalho ou em sua conduta a perfeita disciplina: os sabotadores, os que não observem princípios de honradez, fundamentais nas massas trabalhadoras, e os que manifestem ideais políticos contrários aos que legitimamente sempre defenderam os trabalhadores e pelos que lutaram e (...) morreram muitos deles.

art.28 – Quando algum membro da Coletividade encorre em falta, que segundo a avaliação do Conselho Obreiro mereceria a expulsão, este convocará a Assembléia da seção para que esta, depois de ouvir o informe apresentado pelo Conselho e a justificativa que poderá dar o interessado, determine sobre a questão (Producción, 05/03/37).

Era uma questão de vida ou morte. O objetivo imediato do trabalho era tentar livrar o país da ameaça do fascismo, assim o ideal do bom trabalhador era aquele que garantia a máxima produção para suprir as necessidades da guerra. Se, no passado, a disciplina se impunha pelo temor das represálias, o espírito da revolução popular inspirava outro referencial de disciplina de trabalho: uma disciplina que pudesse vir a ser espontânea, não forçada por ninguém ou imposta pelo próprio trabalhador. Ao contrário da época em que a família Quirós imperava, o aumento da produtividade não seria um benefício do capital mas sim em benefício da própria sociedade, o que significava que a disciplina seria não só um interesse coletivo mas, também, de cada um dos trabalhadores que seriam recompensados na distribuição igualitária das riquezas produzidas. Seriam considerados "indesejáveis" na Coletividade todos aqueles que explicitamente se colocavam contra as forças republicanas – forças estas que, taticamente, poderiam representar a possibilidade de instauração do socialismo. No entanto, alguns se posicionaram – implicitamente – contra a revolução popular, ao contribuir muito pouco com o êxito da produção.

É preciso não esquecer o curto período que os trabalhadores espanhóis tiveram para tentar a constituição de uma nova cultura do trabalho e, acreditando que o futuro se constrói como resultado de todo um passado, é fundamental que não deixemos de considerar a história em sua totalidade. Desde esta perspectiva vale a pena destacar a enquête promovida pelo Conselho Operário, cujo tema era "O trabalho na Coletividade". A referida enquête – respondida pelos responsáveis e encarregado das diferentes seções, com objetivo de avaliar o trabalho do primeiro ano de socialização da produção – não escondia a dura realidade política da fábrica. As próprias vozes dos trabalhadores ilustram as cenas que, de alguma maneira, contrariavam a existência do espírito generalizado de um trabalho-sacrifício ou de um trabalho abnegado em favor da revolução popular. Além da enquête, outros artigos não escondem a dificuldade que tinham os Conselhos Operários em mobilizar os demais trabalhadores para o projeto político de luta contra o fascismo e construção de uma nova sociedade:

Cena 1 (sobre a participação política)

–Na última assembléia que realizamos, quantos compareceram? Creio que a quarta parte do pessoal; com isto está dito tudo. Seguimos trabalhando à força, como em outros tempos (e creio que menos), para não faltar o salário, quando deveria ser tudo ao contrário: com carinho, com alegria, como coisa própria. Há até quem tem a

coragem de dizer que estamos aumentando o capital para quando voltarem os chefes; que não se repartem os benefícios entre os trabalhadores... para onde se olha, não se vê mais que o egoísmo e o interesse pessoal. Pensando assim não se vai a lugar algum." (Por G.Peña, (Producción, 20/08/37)

Cena 2 (sobre a produtividade)

– O rendimento atual do trabalho pelo sistema Coletividade tem, até o momento, muita falta de compreensão por parte de alguns companheiros e companheiras que, devido às condições anteriores, ao se encontrarem agora com mais liberdade de trabalho, se sentem com mais direitos que antes, chegando, inclusive, a render menos, prejudicando com isto os interesses de nossa coletividade. (Por Carlos Martins, idem)

Cena 3 (sobre os processos educativos)

– Tudo foi grande animação e entusiasmo durante os primeiros dias, depois... uns faltando às aulas, outros perdendo o interesse que demonstraram pela biblioteca; chegamos até hoje, em que um número dos que verdadeiramente se preocupam com a cultura não pode ser mais insignificante(...). Seguindo assim, não está longe o dia em que ninguém se lembrará que tivemos umas aulas , nem que hoje existe uma biblioteca em nossa Coletividade (Producción, idem).

Cena 4 (sobre outros espaços educativos)

– (...) o Socorro Vermelho Internacional, outro meio de educação, segue o mesmo caminho das aulas e da biblioteca, se rapidamente não deixarem de ser derrotistas. (...) Seguindo assim este caminho nunca nos levará a desempenhar cargos de alguma responsabilidade e, não só isto, é até possível que chegue o dia em que nem sequer o trabalho cotidiano possamos levá-lo adiante. (Mariano Sandonis, idem)

Cena 5 (sobre ler e apreender o mundo)

– (...) existem companheiros em nossa coletividade que ainda não solicitaram um só livro; pior ainda: que não conhecem a biblioteca (...). A biblioteca já está aberta a 151 dias: neste tempo só foram utilizados 568 livros que, feita a divisão, encontramos 4 livros utilizados por dia. Atenção! Dos 300 companheiros que somos atualmente, somente quatro por dia solicitaram livros; com a particularidade de que estes quatro são quase sempre os mesmos (Producción, 15/09/37).

Cena 6 (sobre o periódico Producción)

– Vemos com pesar que nossos companheiros da Associação estão cada dia mais reticentes para enviar algum artigo para nosso jornal(...) E esta pequena redação se pergunta: Porquê, numa Coletividade como a nossa, composta de mais de quatrocentos trabalhadores de ambos os sexos, não surge a cada momento temas interessantíssimos e variados para poder desenvolvê-los numa publicação quinzenal? (Producción, 20/05/37).

Cena 7 (em Ferrobellum: entre o "grande amor" e o trabalho)

Porque...existe quem crê que nossa "Ferrobellum" é um sanatório? ... há, na indústria de guerra, companheiras que, estando doentes para comparecer ao trabalho, não o estão para passear com o namorado? ...não se lembram essas companheiras que serão mais prazerosos os passeios com o namorado depois de haver cumprido elas seus deveres de trabalhadores antifascistas? ... depois de haver lido isto, consultem sobre o caso com o camarada que as acompanha e que, seguramente, lhes dirá o mesmo que nós! (Ferrobellum, 18/07/38).

Como explicar o baixo grau de participação operária? Qual era a relação entre nível de mobilização e o desenvolvimento da guerra? Em que medida a vida nas coletividades já anunciava/denunciava uma correlação de forças favorável ao fascismo? Para os operários, até onde era possível manter o trabalho-sacrifício? Não pretendemos entrar nos meandros do

longo rio que produz a subjetividade operária, porém o fato é que, apesar do discurso, não eram muitos aqueles que, verdadeiramente, se propunham tornar-se sujeito de seu trabalho e da história da coletividade – ou como dizia Gramsci (1982), tornarem-se "intelectuais de novo tipo", sujeitos criadores de si e do mundo. A realidade de Almacenes Quirós, além do indício de Ferrobellum, nos faz inferir que a revolução popular – ainda que popular – não foi, exclusivamente, uma revolução do povo que lutava contra o fascismo e/ou contra o capitalismo. A revolução popular, além de uma luta para garantir o direito democrático de governabilidade das forças republicanas, foi uma revolução do povo trabalhador em busca de dias melhores: garantir as condições mínimas de sobrevivência para si e sua família. Daí justifica-se o fato de encontrarmos distintos níveis de participação e de compromisso político. Ademais, perguntamos: em que medida o modelo stajanovista de produção – que de alguma maneira reproduzia a alienação do trabalho – era um dos elementos que favoreciam a fragilidade do compromisso técnico-político dos trabalhadores coletivos?

A dicotomia entre processo de trabalho e processo educativo: por uma história dos diferentes atores da socialização da produção

Quais os significados do curto período de tempo no qual os trabalhadores das coletividades ensaiaram a criação de uma nova lógica para a produção? A história das coletividades operárias e camponesas na guerra civil é parte integrante da história da práxis humana em seu permanente processo de conhecer e transformar a realidade. Neste processo, à medida que os operários se tornavam os novos dirigentes da fábrica e da produção de sua existência, a vida cotidiana na fábrica se transformava em uma escola para os trabalhadores. Gramsci (1977:70), referindo-se aos conselhos de fábrica como uma instância fundamental do sistema de democracia operária, dizia que eles eram o órgão mais idôneo para a educação recíproca do proletariado e para o desenvolvimento de um novo espírito social, "uma magnífica escola de experiência política e administrativa" onde "se fundiria uma consciência concreta e eficaz porque havia nascido espontaneamente da experiência viva e histórica".

A Asociación Colectiva de Trabajo Almacenes Quirós também representou uma escola para seus operários e operárias. Ao longo de sua história foi possível perceber as concepções de sociedade, de trabalho e de educação que os trabalhadores tentavam imprimir na fábrica. O processo educativo era considerado uma condição *sine-qua-non* do processo produtivo; trabalho e formação técnico-política eram aspectos fundamentais do projeto maior de sociedade, ainda que não caminhassem na mesma direção. Se, por um lado, a prática educativa tinha como perspectiva a socialização da cultura e a formação do homem integral, por outro, a organização racional do trabalho, inspirada nos princípios stajanovista/taylorista, reproduzia a separação entre corpo e alma, entre pensar e fazer o mundo do trabalho. A educação "chão-de-fábrica", contribuía, de alguma maneira, para promover o acesso aos fundamentos científico-tecnológicos e, no entanto, as práticas laborais pareciam manter um trabalho mecânico e repetitivo. A dicotomia projeto educativo e projeto laboral era a manifestação da falsa dicotomia, instituída pelo capital, entre o mundo da cultura e o mundo da produção e, em síntese, entre trabalho intelectual e trabalho manual. Ainda que "científica", a produção dos bens materiais era, em si, des-educadora/de-formadora, contrariando a perspectiva de um trabalho que reconstituiria a omnilateralidade humana.

Mas, que aspectos da organização do trabalho permitiam e favoreciam o processo de formação de um homem capaz de criar e recriar o mundo à sua volta? É importante enfatizar que a participação – considerada como capacidade de decisão e interferência – parecia passar por canais alheios à oficina. Em outras palavras, a possibilidade de participar nas questões relativas ao planejamento geral da fábrica era concebida como algo para além do ato de

produzir. A educação técnica, portanto, não era compreendida como a permanente articulação entre teoria e prática, tanto no cotidiano da produção como no cotidiano da escola improvisada. Em última instância, a educação era concebida como um momento do trabalho intelectual e, por conseguinte, como algo exterior à oficina. No entanto, a possibilidade de interferência técnico-política parecia estar garantida em outros espaços da fábrica: nas assembleias gerais, assembleias e reuniões de seção, na publicação de artigos no jornal periódico, nas aulas e atividades culturais no poder de destituir o Conselho Operário, de eleger e eleger-se representante de seus companheiros de seção e de fábrica. Porém, como já vimos, nem todos participavam, nem todos tinham o mesmo nível de compromisso com a fábrica e com a revolução popular. Podemos inferir que a vida cotidiana nas diferentes instâncias das relações sociais, ao mesmo tempo em que reproduzia, também contrariava a organização capitalista do trabalho. A possibilidade do "novo" era construída a partir do "velho". O stajanovismo – mesmo sem romper a velha marca do capital – representava e anunciava o novo que era possível naquele momento histórico.

Sabemos que nas muitas "fábricas-escolas" que existiram durante a guerra civil, foram distintos seus atores protagonistas e foram muitos seus atores coadjuvantes. E, de cada ator, seria possível ouvir uma versão diferente de uma mesma história. Na conclusão de nossa investigação não podemos esquecer as diferentes concepções de sociedade e de trabalho e, muito menos, os enfrentamentos no seio das próprias forças republicanas. É fato que desde 1868, os anarcosindicalistas espanhóis já defendiam a revolução integral dos trabalhadores para a construção de uma sociedade livre e comunitária; a revolução não seria só econômica mas, fundamentalmente, cultural e moral; portanto as coletivizações não seriam somente uma nova maneira de administrar a economia mas, sim, as bases de um novo modo de vida, baseado na igualdade e solidariedade entre os seres humanos. As histórias das coletivizações no período da guerra civil costumam ser, em geral, a história da socialização da produção no campo, "onde aconteceu a experiência mais profunda" do comunismo libertário, onde as novas práticas sociais desenvolvidas pelos camponeses foi algo surpreendente, demonstrando em seu trabalho de criação, transformação e socialização, uma consciência social muito superior a dos trabalhadores industriais das cidades" "(Garcia: 1977:80). Partindo do pressuposto de que em Madrid as coletividades industriais existiram em número reduzido, alguns estudiosos sobre o tema analisam que,

(...) a quase inexistência de coletividades industriais se explica pela autoridade que o Governo conservou em Madrid e por falta de atrativos sindicais – CNT em minoria, UGT sem iniciativas - isso demonstra que os trabalhadores não queriam ou não detinham formação suficiente para tomar em suas mãos, eles mesmos, os meios de produção e que, em linha geral, seguiam as diretivas de suas organizações, estivessem ou não contra a coletivização, assim em Barcelona coletivizavam e em Madrid não (Mintz, 1977: 115)

Ainda que, no movimento revolucionário, o inimigo comum fosse o fascismo, não é possível esquecer as profundas divergências políticas e ideológicas entre as forças de esquerda. Qualquer ação organizada contra o fascismo somente seria possível com uma aliança entre a União Geral dos Trabalhadores – UGT e a Confederação Nacional do Trabalho – CNT, as duas centrais sindicais nas quais a classe trabalhadora estava organizada e polarizada desde o início do século XX. A polarização entre as forças indicava a necessidade de um pacto estável para levar adiante as tarefas da revolução, evitando que a luta interna entre comunistas, anarquistas, socialistas e republicanos dividisse e enfraquecesse o movimento. Segundo analisa Garcia (1977: 86),

a política levada pelos partidos republicanos, pelo PSOE e, de uma forma especial, pelo PCE, era contra-revolucionária: não por ir contra os anarquistas, mas

por ir contra a classe trabalhadora e contra a expressão de sua prática revolucionária, contra as coletivizações operárias e camponesas.

Por outro lado, não faltaram críticas aos anarquistas, tidos como:

aqueles que desconsideravam as necessidades prioritárias das frentes, quando o problema da guerra contra o fascismo era questão de vida ou morte(...) desconsideravam a produção e concentravam todas as ambições "renovadoras", toda sua demagogia "ultra-revolucionária" na "distribuição igualitária" (Ibarruri, 1966:32).

É possível observar no periódico "Producción", as polêmicas sobre a disciplina e a organização do trabalho, porém, ainda que a problemática das coletivizações operárias mereça, o objeto da presente investigação não foi averiguar em que medida e até qual momento da guerra civil foi possível manter – sob a hegemonia dos comunistas – a unidade das forças políticas no interior de Armazéns Quirós. O que, neste momento, consideramos relevante registrar é que desta curta história foi possível extrair algumas pistas que nos convidam a iniciar outros estudos sobre a socialização da produção e a relação trabalho-educação sob a perspectiva dos próprios trabalhadores. Dela também é possível concluir sobre a necessidade de outras pesquisas que privilegiem a análise dos significados do trabalho nas coletivizações operárias e camponesas desde a perspectiva e a cotidianidade de seus diferentes atores sociais – anarquista, comunistas, trotskista, socialistas, além de tantos outros trabalhadores que sonharam construir uma nova sociedade através da vitória das forças republicanas.

A conclusão de toda investigação tem como horizonte a possibilidade de "recomeçar", ou, inclusive, de inaugurar uma nova investigação. Para isto, cremos que seria necessário levantar novas/velhas perguntas: Como conviviam em uma mesma coletividade os diferentes atores da revolução popular? Que perspectivas de vida, trabalho, educação e de sociedade se manifestavam nos diferentes centros produtivos de Madrid? Em que oficinas e fábricas os operários tentaram superar o stajanovismo? Em que medida o discurso dos conselhos operários eram representativos dos desejos e das práticas dos demais trabalhadores? Como articulavam seus interesses individuais e seus interesses coletivos? Em outras palavras, é necessário ir mais além nas análises das coletividades operárias, buscando, em suas atividades cotidianas, os elementos materiais e imateriais que nos permitam apreender suas perspectivas de trabalho e formação humana – seus limites e seus desafios.

Referências bibliográficas

- BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista*. A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1981
- CABEZA, Manuel *Diccionario de la guerrra civil española*. Barcelona: Planeta, 1978. t.1-2
- CAPELLA MARTINEZ, Miguel. *La industria en Madrid. Ensayo histórico crítico de la fabricación y la artesanía madrileñas*. Madrid: Artes Gráficas y Ediciones, 1963.
- CARRASQUER, Félix. *Las colectivizaciones en Aragón: vivir autogestionario promesa del futuro*, 1986
- COMITÉ DEL CONTROL OBRERO DE UNIÓN RADIO. Boletín decena., Madrid, Unión Radio, mar.abr. 1937.
- ESPAÑA. Ministerio del Trabajo, Comercio y Industria. (Censo de la población de Espanha). Madrid, 1920.t.2.
- LA ESPOLETA DE LA VICTORIA – Madrid, 1937. (Portavoz de los trabajadores de Experiências Comerciales).

FERROBELLUM -. Madrid: (s.n.), n.9, 14 jul. 1937; n.11, 29jul. 1937; n.25, 18 jul.1938. (Órgano de la Central Metalúrgica)

GARCÍA , Félix . *Colectivizaciones Campesinas y Obreras en la Revolución Española*. Bilbao, Ed. Zero, 1977.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro,Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, Antonio y BORDIGA,Amadeo. *Debate sobre los consejos de fábrica* Barcelona:Editorial Anagrama, 1977.

HOY- Madrid: Comercial de Hierros, n.5, ago. 1937;n.6, set. 1937. (Porta-voz de Comercial de Hierros).

IBARRURI, Dolores et al. *Guerra y revolución en España.- 1936-1939*.Moscú: Progreso, 1966. t.2.

JACKSON, Gabriel. *La república española y la guerra civil*. Barcelona, Editorial . Critica, 1990.

KOSIK, Karel .*Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976..

MACHADO, Antonio. *Antología poética*. Madrid: Alianza, 1995.

MINTZ, Frank. *La autogestión en la España revolucionaria*. Madrid: La Piqueta, 1977.

PRODUCCIÓN - Madrid : (s.n.), n.1,20 jan.1937; n.2, 5 feb. 1937;n.3, 20feb. 1937; n.4, 5 mar. 1937; n.5, 20 mar. 1937; n.6, 5 abr. 1937; n. 8, 5 mayo 1937; n.9, 20 mayo 1937; n.11, 20 jul. 1937; n.12, 20 ago. 1937; n.13, 15 set. 1937; n. 14,5 out. 1937; n. 15, 5 nov. 1937. (Órgano de Asociación Colectiva de Trabajo Almacenes Quirós).

VESTIDO - Madrid : Unión General de los Trabajadores - UGT. Madrid, n. 1, 15 mar. 1937; n.11, 15 set. 1937; (Portavoz del Sindicato de Trabajadores de la Industria del Vestido) .

Arquivos consultados (Madrid)

- Fundación Pablo Iglesias (periódicos)
- Cámara de Comercio y de Industria de Madrid (memórias)
- Registro Mercantil de Madrid (atas de constituição e estatutos de empresas)
- Archivo de la Villa (alvarás de funcionamento e licenças de obras/ projetos)

* Este artigo é uma síntese da investigação apresentada como trabalho final da disciplina “Arqueologia Industrial, Arqueologia do Trabalho” (curso 1994/95), ministrada pelos professores Juan Jose Castillo e Mercedes Lopes Garcia, com a colaboração de Paloma Candela, no Programa de doutorado em Sociologia Econômica e do Trabalho, da Faculdade de C.C. Políticas e Sociologia / Universidade Complutense de Madrid. Na versão original, em castelhano, foi publicado na RBEP – Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v.77, nº 185.p.52-89, jan/abril.1996.

** Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense- UFF- RJ, pesquisadora do NEDDATE – Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação. Autora do livro *Economia popular e cultura do trabalho: pedagogia(s) da produção associada* (Unijui, 2001) e co-autora (com Iracy Picanço) do livro *Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária* (Idéias & Letras, 2004).

¹ .De empresa associada, a partir de 1993, Quirós passou a formar parte do conglomerado Cortefiel, no qual, de acordo com a memória deste mesmo ano, possui um total de 213 lojas que estão abertas sob o nome comercial

de "Cortefiel", "Springfield", "Milano", "Women's Secret y "Don Algodón". Destinadas à venda no varejo, quatro lojas estão localizadas na França, três em Portugal e as demais, nas principais cidades espanholas. Possui duas fábricas próprias, uma em Madrid e outra no Marrocos.

² POUM – Partido Obrero de Unificación Marxista.

³ Poema escrito em 7 de novembro de 1936, pouco antes de ir-se de Madrid para Valência .In Machado. Antologia poética, Madrid: Alianza, 1955,:90.

⁴ .Coalizão eleitoral da Izquierda Republicana, Unión Republicana, Partido Socialista Obrero Español-PSOE, Partido Comunista de España-PCE, Partido Obrero de Unificación Marxista-POUM, Partido Sindicalista, Unión General de los Trabajadores-UGT e Federación Nacional de Juventudes Socialistas.

⁵ "(...) de 13.553.710 eleitores, votaram 9.864.783 ou 72% do censo, dos quais 4.555.410 o fizeram a favor da citada Frente, aos quais se deve somar os 98.715 votos que obteve em Lugo, onde concorreu em coalizão com alguns partidos de centro, e os 125.714 do Partido Nacionalista Basco" "(Cabeza, 1978:328)

⁶ O Manifesto da Frente Popular, de 15 de janeiro de 1936, não se comprometia em promover transformações radicais na estrutura social. Além da anistia aos presos e perseguidos políticos, prometia algumas reformas nas questões relativas à terra e à indústria. A concepção majoritária era de uma República que não seria "guiada por motivos sociais e econômicos de classe, mas um regime de liberdade democrática impulsionada por interesses públicos e progresso social" (apud Cabeza, 1978:349-50).

⁷ Confederação Nacional de Trabalhadores (CNT): sindicato de ideologia predominantemente anarquista que, mesmo que não tendo participado da Frente Popular, posteriormente assumiu responsabilidades no período do Governo Republicano.

⁸ Unión General de los Trabajadores

⁹ Veja o jornal do Comité del Control obrero de Unión Rádio. Madrid, 1937.

¹⁰ Sobre a fábrica de materiais bélicos Aranjuez, veja o periódico *La espoleta de la victoria – portavoz de los trabajadores de Experiencias Industriales*, Madrid, 1937.

¹¹ Além de evitar a morte de crianças e adultos, a campanha para a evacuação da população civil tinha como objetivo diminuir o problema do abastecimento de uma população tão volumosa como Madrid.

¹² As seções de ACTAQ eram: Camisaria (confecção e corte), Tricotagem (têxtil e confecção), Fios, Almojarifado; Sucursais (Romanones, Precidados, Fuencarral, Luchana, Montera e Pi e Margal); Publicidade, Oficina Mecânica e Administração.

¹³ Segundo o censo da população de Espanha, dos 750.896 habitantes de Madrid, 161.135 não sabiam ler e 8.165 só sabiam ler (Ministério do Trabalho, Comércio e Indústria – Direção Regional de Estatística, 1920. Tomo II, Madrid, 1924.

¹⁴ O nome do grupo de teatro era em homenagem a Komosol – navio de carga soviético que, durante a guerra civil espanhola, fez diversas viagens à Espanha republicana transportando material de guerra e homens e que foi afundado pela Marinha nacionalista, na rota "Canárias" em fins de 1936. Motivada pelo afundamento, as Juventudes Socialistas Unificadas de Madrid, seguindo instruções de sua executiva nacional, organizaram coletas para arrecadar fundos com os quais a URSS pode construir outro navio semelhante que levava o mesmo nome" (Cabeza, 1978: 454)

¹⁵ Dolores Ibárruri – militante do Partido Comunista da Espanha que ocupou o cargo de ministra no Governo Republicano; conhecida como "La Pasionária".